

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet
Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

Inconfidência Mineira

A crescente falta de alternativas econômicas acabou levando a elite mineira a considerar a idéia de um movimento revolucionário. Em 1788, os boatos sobre a derrama produziram o elemento que faltava para a decisão. Os membros da elite tornaram-se conspiradores. Em pouco tempo, traçaram um plano para desencadear um movimento de independência. A revolta deveria coincidir com a derrama imposta pelo odiado governador. Na condição de grandes proprietários e membros influentes da sociedade, passaram a juntar recursos e aliciar adeptos. Mas, antes do dia marcado, um dos conspiradores, Joaquim Silvério dos Reis, traiu os amigos, permitindo a reação do governo.

Líderes da Inconfidência

Entre os inconfidentes com funções importantes no governo e na vida mineira, destacam-se:

Tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade: Filho do governador Gomes Freire de Andrade, ocupava o cargo de comandante militar de Minas Gerais. Era dono de fazendas e minerador, além de ser casado com uma filha do capitão-mor (o equivalente a prefeito) de Vila Rica.

José Álvares Maciel: Cunhado de Paula Freire, tinha 28 anos na época da Inconfidência. Nascido em Ouro Preto, estudou em Coimbra e depois viajou por um ano pela Inglaterra para estudar química e ver o funcionamento dos contatos estabelecidos com o norte-americano Thomas Jefferson.

Padre Carlos Correa de Toledo e Melo: Era um sacerdote rico e de grande influência. Viveu por algum tempo na Europa; ao voltar a Minas Gerais, dedicou-se com êxito aos negócios e à agricultura.

Padre José da Silva Rolim: Filho do responsável pela guarda do dinheiro no distrito diamantino de Minas Gerais, tinha uma fortuna considerável, bem como todos membros de sua família. Foi perseguido e expulso de Minas Gerais pelo governador Luís da Cunha Meneses.

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet
Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

Inácio Alvarenga Peixoto: Formado em direito em Coimbra, foi juiz em Portugal e ouvidor no Brasil. Abandonou o posto para transformar-se em fazendeiro e minerador. Era dono de várias propriedades, nas quais trabalhavam cerca de duzentos escravos. Era também coronel de milícias. Um dos principais intelectuais do grupo, era poeta, escritor e músico.

Cláudio Manuel da Costa: Nascido em Minas Gerais, estudou no Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro e em Coimbra, onde publicou vários livros. Viajou pela Europa, onde ficou conhecido como advogado e escritor - poeta , tinha uma das maiores bibliotecas do Brasil. Exerceu várias vezes o cargo de secretário do governador de Minas Gerais. Era proprietário de terra e minerador.

Tomás Antônio Gonzaga: Juiz de direito, filho de desembargador, era formado em Coimbra. Era o ouvidor de Ouro Preto, além de ocupar a função de provedor dos defuntos. Também era poeta e escritor.

Domingos Vidal Barbosa: Com 28 anos na época da Inconfidência, este filho de grandes proprietários tinha acabado de voltar da França, onde estudou medicina, e sem demora aderiu ao movimento.

José Resende da Costa: Capitão de milícias e grande proprietário rural no vale do rio das Mortes.

José Aires: Coronel de Cavalaria e grande proprietário de terras em várias regiões de Minas. Era casado com a filha de outro grande proprietário. Seus cunhados eram também fazendeiros e mineradores.

João Dias da Mota: Além de ser capitão de Cavalaria, era proprietário de terras em Congonhas do Campo.

Luís Vaz de Toledo Piza: Irmão do padre Rolim, era fazendeiro e juiz dos órfãos de São João del Rei.

Domingos de Abreu Vieira: Tenente-coronel de Cavalaria, comerciante e administrador dos contratos de coleta de impostos.

Francisco Antônio de Oliveira Lopes: Coronel de Cavalaria e outro

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet
Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

grande proprietário de terras no vilarejo de Rio das Mortes.

Fim da Inconfidência

A reação do governo foi imediata. Os inconfidentes foram presos, torturados e trancafiados em um forte no Rio de Janeiro. Cláudio Manuel da Costa foi morto antes de chegar à prisão. A devassa foi completa. Todos perderam bens e cargos e os chefes foram condenados à prisão e à morte.

Depois algumas sentenças foram comutadas por exílio. Apenas Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, recebeu uma morte exemplar. Em 21 de abril de 1792, foi enforcado e esquartejado. Mas a semente estava lançada: a ruptura com Portugal tornou-se a idéia central de muitos brasileiros.

A sentença

Assinada no Rio de Janeiro, no dia 19 de abril de 1792, esta foi a sentença do Tribunal de Alçada relativa a Tiradentes:

Portanto condenam o réu Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes, alferes que foi da tropa paga da capitania de Minas, a que com baraço e pregão seja conduzido pelas ruas públicas ao lugar da forca, e nela morra morte natural para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada a Vila Rica, aonde em o lugar mais público dela será pregada em um poste alto até que o tempo a consuma; o seu corpo será dividido em quatro quartos e pregados em postes pelo caminho de Minas, no sítio da Varginha e de Cebolas, aonde o réu teve as suas infames práticas, e os mais nos sítios de maiores povoações, até que o tempo também os consuma. Declaram ao ré infame, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens aplicam para o fisco e câmara real, e a casa em que vivia em Vila Rica será arrasada e salgada, e que nunca mais no chão se edifique, e não sendo próprias, serão avaliadas e pagas ao seu dono pelos bens confiscados, e no mesmo chão se levantará um padrão pelo qual se conserve em memória a infâmia deste abominável réu.

Execução de Tiradentes

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet

Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

Desde o princípio da manhã do sábado, 21 de abril de 1792, começou o movimento das tropas no Rio de Janeiro. Três regimentos reuniram-se no largo de Santo Antônio, onde fora erguido um patíbulo de quatro metros de altura. Às oito da manhã, teve início a cerimônia.

Depois de beijar os pés do carrasco, Tiradentes vestiu a alva de condenado. Foi na frente do cortejo, seguido por nove padres franciscanos e membros de várias irmandades, todos recitando salmos. Atrás vinham os irmãos da Misericórdias, os cavalarianos em uniforme de gala e as autoridades montadas em cavalos com arreios de prata. Por fim, a carreta destinada a carregar os quartos do condenado.

Com o pescoço atado a uma corda, mãos acorrentadas, durante todo o trajeto Tiradentes olhava fixamente para o crucifixo que levava nas mãos, que erguia de vez em quando.

Durou três horas a procissão, sob os olhares curiosos dos moradores da cidade. Quando chegou ao patíbulo, Joaquim José da Silva Xavier fez um único pedido: que lhe fosse abreviado o suplício. Depois de rezar o "credo", o carrasco o empurrou para fora do cadafalso e saltou sobre seus ombros para apressar a morte.

Em seguida, o brigadeiro Pedro Álvares de Andrade fez um discurso, que concluía assim: "Devemos influir nos nossos corações e gravar nos nossos ânimos o reconhecimento da imensa bondade de Nossa Soberana para que, amando-a e respeitando-a, como filhos lhe demos os vivos que merece, guardando-lhe perpétua fidelidade".

Como último ato da cerimônia, a cabeça de Tiradentes foi cortada e seu corpo dividido em quatro partes. O sangue serviu de tinta para a lavratura de sua certidão de morte. Os restos mortais, metidos em salmoura, foram enviados para os lugares onde o condenado pregara a independência. A cabeça foi exposta na praça principal de Vila Rica, onde o governador ordenou três dias de festas pelo malogro da conspiração.